

A tradução e o cruzamento de fronteiras: o caso de Ngugi wa Thiong'o¹

Tiago Horácio Lott*

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo discutir como a tradução se fez presente na obra do autor queniano Ngugi wa Thiong'o. Filiando-me a teorias acerca da autotradução e às ideias de Antoine Berman, tentei aqui mostrar como a tradução permeou os caminhos do referido autor, constituindo estratégia para que o mesmo pudesse dar conta, de forma dialógica, das diferentes culturas para as quais e a partir das quais produz sua obra. Constatei que Ngugi encontrou, no exercício ético da tradução, um (entre)lugar, por meio do qual pôde dar conta de duas tradições distintas.

Palavras-chave: Ngugi wa Thiong'o; autotradução; ética da tradução; alteridade.

Introdução

A partir das contribuições das pesquisas sobre a relação entre a escrita pós-colonial e seu entrelaçamento com a tradução, proponho-me, neste artigo, discutir de que forma a tradução contribuiu para que o autor queniano Ngugi wa Thiong'o pudesse, de maneira dialógica, tanto dar conta da sua produção em gikuyu, língua nacional do Quênia, quanto produzir em língua inglesa, língua essa que foi imposta ao seu país quando da colonização. Pretendo traçar um breve panorama da vida e das obras de Ngugi, falando também sobre a autotradução feita por ele de *Wizard of the Crow* (*O Feiticeiro do Corvo*)², de 2006, escrito originalmente em 2004 em gikuyu, com o título de *Murogi wa Kagogo*, e considerado por críticos, como o escritor John Updike (2006), a maior realização de Ngugi. Chamarei atenção para o significado deste ato na obra do autor e tecerei comentários sobre o trabalho de Ngugi no Centro Internacional de Escrita e Tradução (International Center for Writing and Translation – ICWT), da Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), em Irvine. Pretendo, ainda, entrelaçar a ideia da relação existente entre a tradução, entendida aqui em seu sentido lato, e a produção

¹ Este artigo foi composto a partir do terceiro capítulo da monografia de conclusão do curso de Bacharelado em Letras: Tradução - Inglês, da Faculdade de Letras da UFJF. A monografia em questão, realizada sob orientação da Profa. Dra. Maria Clara Castellões de Oliveira, tem por título *A Essência Contingente e Plural da Tradução na Obra de Ngugi wa Thiong'o*, e foi defendida em outubro de 2012.

* Mestrando em literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

² A maioria das obras de Ngugi wa Thiong'o utilizadas e/ou mencionadas neste trabalho não estão traduzidas para a língua portuguesa, portanto, os títulos e trechos de suas obras foram traduzidos por nós o mais literalmente possível.

literária dos autores do chamado pós-colonialismo, tendo como foco a obra de Ngugi. Para tanto, usarei a crítica a respeito do livro *Wizard of the Crow*, publicada no semanário *The New Yorker*, escrita por John Updike (2006). Utilizarei também a tese de doutorado de Helena Tanqueiro, intitulada *Autotradução: Autoridade, Privilégio e Modelo* (2002) e os artigos “O Entre-Lugar do Discurso Latino-Americano” (2000), de Silvano Santiago, “Fragmentos de uma História de Travessias: Tradução e (Re)Criação na Pós-Modernidade Brasileira e Hispano-Americana” (1996), de Else Ribeiro Pires Vieira, e o artigo “Post-Colonial Writing And Literary Translation” (1999), de Maria Tymoczko.

1. Ngugi wa Thiong’o e a expressão pós-colonial

Os trabalhos de Ngugi wa Thiong’o nos permitem fazer uma leitura de temas como a luta pelo encontro de uma identidade em meio a uma cultura dominada, sem, no entanto cairmos em um determinismo biográfico, já que o próprio autor, em seu livro de contos *Secret Lives (Vidas Secretas)*, de 1975, afirmou:

[...] de certa forma, as histórias contidas nessa coletânea formam minha autobiografia criativa ao longo dos últimos doze anos e abordam ideias e humores que me afetaram ao longo do mesmo período. Minha escrita é realmente uma tentativa de entender a mim mesmo e à minha situação na sociedade e na história [...] e tento encontrar o sentido disso através da minha caneta (NGUGI WA THIONG’O, 1975, s. p.).³

Ngugi nasceu no Quênia, em 1938, em uma família grande de camponeses. Foi educado nas escolas primárias de Kamandura, Manguu e Kinyogori; estudou também na Alliance High School, sempre no Quênia; na Universidade de Makerere (então campus da Universidade de Londres), em Kampala, na Uganda, e também na Universidade de Leeds, na Grã-Bretanha.

Em 1964, Ngugi publicou seu primeiro romance, *Weep Not Child (Não Chore Criança)*; seguido de *The River Between (O Rio Entre)*, de 1965 e *A Grain of Wheat (Um Grão de Trigo)*, de 1967. Produziu muitos outros trabalhos, tais como *Writers in*

³ Original: “[...] in a sense the stories in this collection form my creative autobiography over the last twelve years and touch on ideas and moods affecting me over the same period. My writing is really an attempt to understand myself and my situation in society and in history. [...] and I try to find the meaning of it through my pen.”

Politics: Essays (Escritos sobre Política: Ensaios), de 1981; *Decolonising the Mind: The Politics of Language in African Literature (Descolonizando a Mente: As Políticas de Língua na Literatura Africana)*, de 1986; *Moving the Center (Movendo o Centro)*, de 1994 e *Penpoints, Gunpoints and Dreams (Pontas de caneta, Pontas de Arma e Sonhos)*, de 1998.

Em 31 de dezembro de 1977, foi mandado, pelo governo do ditador Daniel Moi, sem acusações, para a prisão de segurança máxima de Kamiti. Após um ano, por meio da intervenção da Anistia Internacional, foi libertado. Entretanto, mesmo após esse evento, foi impedido de trabalhar em faculdades e universidades no país. Em 1982, deixou o Quênia, retornando quase 20 anos depois.

2. A tradução como estratégia de sobrevivência: travessias

Em um primeiro momento, Ngugi, como outros escritores africanos que despontaram a partir da segunda metade do século XX, Chinua Achebe e Wole Soyinka entre eles, decidiu escrever em inglês, uma língua maior, nos termos de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1977), investindo assim sua obra de uma audibilidade e de um reconhecimento os quais não seriam possíveis caso ele optasse por produzir seus trabalhos em sua língua materna.

Entretanto, motivado por questões político-ideológicas, nos anos 1970, Ngugi passou a produzir suas obras de ficção somente em gikuyu. É importante notarmos que, além do caráter de autoafirmação carregado por essa atitude, ele inaugurou uma literatura escrita em uma língua que, até então, era predominantemente oral. Finalmente, em um terceiro momento, Ngugi, além da produção em gikuyu, passou a se autotraduzir, corroborando a ideia aqui defendida da tradução como contingência e necessidade para uma maior abrangência de sua obra, atitude essa que explorarei melhor mais abaixo.

A tradução, como pensamento e atividade que permeia o projeto cultural e intelectual de alguns autores, como Ngugi, configura-se como uma estratégia de sobrevivência e transforma-se em um dos principais recursos dos quais esses intelectuais podem lançar mão com o intuito de darem conta das diversas tradições a partir das quais emitem suas vozes. Mais ainda, o uso da matéria prima estrangeira –

tanto o idioma, como demais aspectos culturais – acabou por dar forma a essa identidade que se construiu a partir desse alicerce híbrido.

Else Vieira, em “Fragmentos de uma História de Travessias: Tradução e (Re)Criação na Pós-Modernidade Brasileira e Hispano-Americana”, de 1996, reverberando as palavras do escritor argentino Ricardo Piglia, disse que “a identidade de uma cultura se define pela forma como ela usa a tradição estrangeira [...]” (VIEIRA, p. 62, 1996). Por sua vez, Maria Clara Castellões de Oliveira, ao articular a tradução e o duplo pertencimento linguístico e cultural, tratando do caso de Franz Rosenzweig, filósofo alemão de origem judaica que traduziu em parceria parte da *Bíblia* do hebraico para a língua germânica, apontou para o fato de que “a tradução, por ser uma atividade que tematiza o embate de diferenças espacial e temporariamente condicionadas, não poderia deixar de despertar a atenção daqueles indivíduos marcados pela duplicidade linguística e cultural” (OLIVEIRA, 2003, p. 7). No entanto, além de Ngugi, não se tem notícias de outro intelectual africano (dentre aqueles que, a partir de 1950, passaram a produzir a sua literatura em língua maior) que tenha se dedicado à atividade tradutória.

Eliana Reis, em *Pós-colonialismo, Identidade e Mestiçagem Cultural: a Literatura de Wole Soyinka* Reis, de 1999, observou que esse escritor nigeriano desenvolveu um lócus de fala intermediário, nem tão dentro de sua cultura de origem, nem tão inserido na cultura da metrópole, tentando, assim, conciliar essas tradições tão distintas, movimentando-se de maneira relativamente confortável entre esses dois polos culturais.

No que diz respeito à Ngugi, acredito que o lócus intermediário de fala, o entre-lugar, só foi alcançado após a sua inserção de maneira atuante no universo da tradução. Soyinka, bem como o escritor, também nigeriano, Chinua Achebe, já demonstravam, por meio de sua produção intelectual, traços os quais indicavam uma interlocução entre as distintas tradições em que viviam. Para Ngugi, entretanto, houve a necessidade de um constante movimento entre as tradições estrangeiras e domésticas, movimento esse que, até então, assumia uma característica maniqueísta, para, por fim, incorporar o pensamento da tradução em suas ações e conseguir dar conta das tradições que o circundavam. Como observado por Vieira, e aplicando à obra de Ngugi, a tradução aqui é “[...] um encontro num terceiro que permite a continuidade e a transformação de um passado” (VIEIRA, p. 63, 1996).

3. O trabalho no centro de tradução da UCLA de Irvine

De 2002 a 2009, o Centro Internacional de Escrita e Tradução, da Universidade da Califórnia em Irvine foi dirigido por Ngugi wa Thiong'o. Fundado em 2001, esse centro tem recebido escritores, críticos e tradutores do mundo todo, incluindo Wole Soyinka, Robert Pinsky, Gayatri Chakravorty Spivak, Louise Glück e Jacques Derrida. A abordagem multicultural da tradução adotada por esse centro o coloca em uma posição pioneira em relação a esse campo do conhecimento. Segundo informações encontradas na página dessa instituição, disponibilizada na Internet⁴, Ngugi, até então diretor da instituição, explica melhor o escopo desse centro, e sua visão de tradução e cultura:

O Centro Internacional de Escrita e Tradução na Escola de Humanidades fomenta a escrita, a tradução e a crítica em contextos multilíngues e internacionais. Esse centro possui um escopo internacional, com um foco que defende a escrita, e uma séria exploração da tradução como desafio e prática. [...] O conceito de tradução tem significado tradicionalmente tradução interlingual, ou a transposição de textos de uma língua para outra, mas também inclui instâncias gerais de trocas culturais entre diferentes nações, línguas, culturas e mídia. A tradução, portanto, se move para além e ao redor da língua. À luz dessas ideias, o centro explora o trabalho político da tradução como um imperativo dual para preservar textos em sua língua original, especialmente as línguas menos conhecidas, e disseminar os trabalhos mais amplamente através da tradução para o inglês e outras línguas mundiais. Rigorosas discussões sobre questões de identidade cultural e assimilação que são levantadas pelos atos de tradução continuarão a provocar o interesse nos estudantes que participam de clubes e associações que celebram as línguas e heranças nativas.⁵

⁴ Informações encontradas no endereço eletrônico: <http://www.hnet.uci.edu/icwt/about/>. Acesso em: 20 de Nov. 2011.

⁵Original: "The International Center for Writing and Translation in the School of Humanities fosters writing, translation, and criticism in multilingual and international contexts. The Center possesses an international scope, a focus that champions writing, and an earnest exploration of translation as a challenge and practice. [...] The concept of translation has traditionally meant interlingual translation, or the transposition of texts from one language to another, but it also includes general instances of cultural exchanges among different nations, languages, cultures, and media. Translation, then, moves beyond and around language. In this light, the Center explores the political work of translation as a dual imperative to preserve texts in their original language, especially lesser known languages, and to disseminate work more widely through translation into English and other world languages. Rigorous discussion of questions of cultural identity and assimilation that are raised by acts of translation will continue to provoke interest in students who participate in clubs and associations that celebrate native languages or heritage."

A posição de Ngugi à frente desse centro corrobora a nova posição que o autor assumiu com relação à sua escrita e ao seu pensamento crítico. Ao apoiar discussões relativas às implicações do ato tradutório pelo viés político-econômico e sociocultural, o Centro Internacional de Escrita e Tradução contribui para o amadurecimento do pensamento tradutório e também para o enriquecimento teórico/metodológico/prático dos Estudos da Tradução. Apoiando a difusão de literaturas escritas em línguas menos conhecidas e por meio de traduções dessas para línguas mundiais, como o inglês, a instituição também ajuda a iluminar culturas outrora desconhecidas, descortinando novos horizontes que revelam o Outro.

3.1. A autotradução

Em 2006, Ngugi publicou o livro *Wizard of the Crow*, uma autotradução da obra *Murogi wa Kagogo*, que havia sido publicada dois anos antes em gikuyu. Helena Tanqueiro, em sua tese de doutorado, intitulada *Autotradução: Autoridade, Privilégio e Modelo*, defendida em 2002 na Universitat Autònoma de Barcelona, parte da seguinte conceituação de autotradução feita por Anton Popovic: “[...] a tradução de um trabalho original em outra língua pelo próprio autor” (POPOVIC *apud* TANQUEIRO, p. 37, 2002).⁶ Outra definição de autotradução também pode ser encontrada em *Routledge Encyclopedia of Translation Studies (Enciclopédia Routledge dos Estudos da Tradução)*, editada por Mona Baker (1998), na qual, na entrada intitulada “Autotradução”, escrita por Rainier Grutman, lê-se: “o termo autotradução [...] refere-se ao ato de um autor traduzir sua própria escrita, ou o resultado de tal empreendimento” (GRUTMAN, p. 17, 1998).⁷ Ainda nessa enciclopédia, Grutman, citando Elizabeth Klosty Beaujour, afirmou que a autotradução também pode ser entendida como “um rito de passagem sofrido por quase todos os escritores que no fim das contas escrevem em uma língua outra que não aquela na qual eles primeiro vieram a se definir como escritores. A autotradução é o ponto crucial na trajetória compartilhada por muitos escritores bilíngues” (BEAUJOUR *apud* GRUTMAN, p. 18, 1998).⁸ No meu

⁶ Original: “[...] the translation of an original work into another language by the author himself.”

⁷ Original: “The terms auto-translation and self-translation refer to the act of translating one’s own writings or the result of such an undertaking.”

⁸ Original: “A rite of passage endured by almost all writers who ultimately work in a language other than the one in which they have first defined themselves as writers. Self-translation is the pivotal point in a trajectory shared by most bilingual writers.”

entendimento, no caso de Ngugi, bem mais que um rito de passagem, a autotradução significou o encontro de uma estratégia por meio da qual ele pôde manter sua obra audível tanto na tradição de língua inglesa, quanto na tradição gikuyu. Nesse momento então, vemos um autor que produz tentando contemplar uma tradição *e* outra, e não mais uma *ou* outra.

Outra questão na obra de Ngugi é o fato de ele ter escrito sua biografia, intitulada *Dreams in a Time of War: a Childhood Memoir (Sonhos em um Tempo de Guerra: uma Biografia da Infância)*, de 2010 e *In the House of the Interpreter (Na Casa do Intérprete)*, de 2012, em língua inglesa.

Tanqueiro, ao falar da obra de Brian Fitch sobre o escritor Samuel Beckett, autor muito conhecido por suas autotraduções do inglês para o francês, e vice-versa, diz que Fitch trata a escolha de Beckett em produzir em francês, em detrimento do inglês, como sendo uma opção não muito consciente. Para ele “[...] os textos em inglês tendem a ser mais autobiográficos porque são geralmente compostos de uma série de imagens que parecem recordar as memórias da infância e adolescência do narrador. Para a maioria das pessoas, sem dúvida, memórias mais antigas estão associadas com sua língua mãe” (FITCH *apud* TANQUEIRO, p. 42, 2002).⁹ Porém, Vladimir Nabokov, escritor russo de expressão inglesa, também conhecido por suas autotraduções, escreveu sua autobiografia, primeiramente em inglês, para depois traduzi-la para o russo. Da mesma forma, Ngugi escreve uma autobiografia em inglês, e não em gikuyu, sua língua materna. Parece-nos, que, embora as memórias de infância estejam mais associadas à língua materna, como afirmou Fitch, alguns escritores bilíngues, como Nabokov e Ngugi, demonstram que desenvolveram a habilidade necessária para reproduzirem essas memórias, as quais seriam preferencialmente acessadas e manifestadas na língua mãe, em uma segunda língua, no caso deles, o inglês.

Em 31 de julho, de 2006, o semanário *The New Yorker* publicou uma crítica feita pelo escritor e crítico literário americano John Updike, a respeito do livro *Wizard of the Crow*, de Ngugi.¹⁰ Nesse texto, Updike, além de falar brevemente sobre a vida e a obra do autor, forneceu alguns detalhes a respeito do enredo da obra. Ele percebeu alguns

⁹ Original: “[...] the English texts tend to be more autobiographical in that they are often made up of a series of images that appear to recall memories of the narrator’s childhood and adolescence. For most people no doubt earliest memories are associated with their mother tongue”.

¹⁰Tal crítica foi retirada do endereço eletrônico: <http://archives.newyorker.com/?iid=15159&startpage=page0000076>. Acesso em: 8 de Abril, 2012.

traços típicos da narrativa oral nessa tradução, traços esses que são de extrema importância para esta discussão. Segundo ele, os leitores da obra em questão “fariam bem em lembrar que é uma tradução de uma língua cujas tradições narrativas são principalmente orais e com grande peso sobre a performance; a história é fantástica e didática, contada com largos traços de caricatura”.¹¹

A performance do contador de histórias tem um papel fundamental na transmissão do conteúdo dessas. Ngugi, a respeito do contar histórias e dos contadores de histórias, lembra em *Decolonising the Mind* que:

Havia bons e maus contadores de histórias. Um bom contador poderia contar a mesma história noite após noite, que ainda sim, essa pareceria nova para nós, a audiência. Ele ou ela seria capaz de contar uma história contada por outra pessoa e fazê-la parecer mais viva e dramática. As diferenças realmente estavam no uso de palavras e imagens e na inflexão da voz para reproduzir diferentes tons (NGUGI WA THIONG’O, 1997, p. 10).¹²

Como percebido e apontado por Updike, Ngugi, ao se traduzir, preocupou-se em inserir em sua tradução para a língua inglesa aspectos inerentes à cultura gikuyu. Os fortes traços de oralidade presentes nessa tradução, estranhos à cultura de língua inglesa, por exemplo, são um indicativo de que ele se preocupou em mostrar no seu texto em inglês a estranheza desse Outro. Updike explicitou outro aspecto também concernente à oralidade presente na tradução do livro, quando disse que:

A fantasia de corrupção e má-formação de *Wizard of the Crow* é erratically filtrada através da narrativa excitada e instigada pela bebida de um policial comum, um delegado do dia-a-dia – Chefe de Polícia Arigaigai Gather, conhecido como A. G. Quaisquer inconsistências ou pontos vagos na história emaranhada de A. G. ou de Ngugi wa Thiong’o são interpretadas como um aspecto da narrativa oral, na qual ouvintes repetem para outros o que escutam e, desse modo, todo ouvinte se torna ‘um contador de histórias, insistindo em sua própria autoridade’”.¹³

¹¹ Original: “[...] would do well to remember that it is a translation from a language whose narrative traditions are mostly oral and heavy on performance; the tale is fantastic and didactic, told in broad strokes of caricature.”

¹² Original: “There were good and bad story-tellers. A good one could tell the same story over and over again, and it would always be fresh to us, the listeners. He or she could tell a story told by someone else and make it more alive and dramatic. The differences really were in the use of words and images and the inflexion of voices to effect different tones.”

¹³ Original: “Wizard of the Crow’s fantasia of corruption and malformation is erratically filtered through the excited, drink-primed telling of an ordinary policeman, a delegate from the everyday—Constable

Em *Decolonising the Mind*, Ngugi, recorrendo às memórias de infância, narra como a oralidade era presente no cotidiano de seu povo:

Consigo lembrar-me vividamente daquelas noites de contar histórias ao redor da fogueira. Eram basicamente os adultos contando às crianças, mas todos estavam interessados e envolvidos. Nós, crianças, iríamos no dia seguinte recontar as histórias a outras crianças que trabalhavam nos campos apanhando flores de piretro, folhas de chá e grãos de café dos senhores de nossas terras, europeus e africanos (NGUGI WA THIONG'O, 1997, p. 10).¹⁴

Acredito que, ao traduzir uma obra escrita em uma “língua privada”, termo utilizado por Gayatri Spivak para falar da obra de Ngugi em gikuyu, presente no livro *Post-colonial theory: a critical introduction* (1998), de Leela Ghandi, para uma língua mundial, como é o caso do inglês, Ngugi realizou o papel ético do tradutor. Diante das colocações de Updike e de acordo com os termos de Antoine Berman, manifestados em *A Tradução e a Letra ou O Albergue do Longínquo* (2007, [1985]), posso dizer que Ngugi, ao obter sucesso na transposição para o inglês da oralidade contida na narrativa em gikuyu, resgatou a letra daquele texto. Ao assim o fazer, ele evidenciou a poeticidade contida nesse original e, conseqüentemente, forneceu eticidade ao seu trabalho, pois “o ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro” (BERMAN, 2007, [1985], p. 68). Portanto, abrindo essa língua culta à estranheza do Outro, forçando os limites da resistência que essa língua tem à comoção da tradução, Ngugi, mais do que realizar uma tradução ética, conseguiu, enfim, encontrar um lugar por meio do qual pôde dar conta de duas tradições, sem que para isso fosse necessária uma postura maniqueísta, de privilégio de uma ou de outra tradição linguística. Segundo Berman, “[...] a tradução, com seu objetivo de fidelidade, pertence originariamente à dimensão ética. Ela é, na sua essência, animada pelo desejo de abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua”

Arigaigai Gatherer, known as A.G. Any inconsistencies or vague spots in A.G.'s and Ngugi wa Thiong'o's tangled tale are passed off as an aspect of oral narrative, wherein auditors repeat to others what they hear and thereby every listener becomes “a teller of tales, insisting on his own authority”.

¹⁴ Original: “I can vividly recall those evenings of story-telling around the fireside. It was mostly the grown-ups telling the children but everybody was interested and involved. We children would re-tell the stories the following day to other children who worked in the fields picking the pyrethrum flowers, tea-leaves or coffee beans of our European and African landlords”.

(BERMAN, 2007, [1985], p. 69). Assim, podemos dizer que foi na tradução que ele finalmente encontrou o seu (entre)lugar.

Conclusão

A atividade de Ngugi, sete anos à frente do Centro de Escrita e Tradução da University of California, Los Angeles, em Irvine, apontou para um novo direcionamento em seu pensamento. Vimos um escritor que se preocupou com a consolidação da literatura de sua língua-mãe, sem, no entanto, abandonar a “língua maior”, se autotraduzindo para o inglês. A partir das observações feitas pelo escritor John Updike (2006), em matéria para o jornal *The New Yorker*, pude constatar que Ngugi obteve êxito na evidenciação da oralidade do gikuyu no inglês, ou seja, ele ampliou as fronteiras dessa língua maior, inserindo nela traços inerentes a uma cultura pouco conhecida. Sobretudo, Ngugi fez do inglês um albergue para sua língua, operando assim, consoante ao que Berman chama de pensamento ético da tradução. Ele não temeu seguir a originalidade da língua de seu povo, ampliando as possibilidades da língua da tradução.

Acreditamos que nosso trabalho, valendo-se da contribuição de teorias e pensamentos próprios dos Estudos da Tradução, da Literatura, dos Estudos Culturais e da escrita pós-colonial, cumpriu seus objetivos principais, entre os quais figurava a explicitação e discussão dos pontos de convergência entre a escrita de Ngugi e o pensamento da tradução, apontando para o caminho percorrido e escolhido pelo referido autor, ou seja, a tradução como esse encontro num terceiro, capaz de dar conta das distintas tradições que cercam e se entrelaçam em uma cultura.

ABSTRACT: This paper aims at discussing how translation was present in the work of the Kenyan author Ngugi wa Thiong'o. Using theories about the autotranslation and ideas from Antoine Berman, here I try to show how translation intertwined the ways of that author, constituting a strategy so that he could handle, in a dialogic manner, the different cultures from and to he makes his work. I noted that Ngugi found in the ethical exercise of translation, an in-between, through which he could handle two distinct traditions.

Key-words: Ngugi wa Thiong'o; autotranslation; translation ethics; otherness.

Referências

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra, ou o albergue do longínquo*. Trad.

Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007 [1985].

GANDHI, Leela. *Post-colonial theory: a critical introduction*. N. York: Columbia UP, 1998.

GRUTMAN, Rainier. Autotranslation. In: BAKER, Mona. (Ed.). *Routledge encyclopedia of translation studies*. London: Routledge, 1998. p. 17-20.

NGUGI WA THIONG'O. *Decolonising the mind: The politics of language in African literature*. Nairobi: EAEP, 1997.

_____. *Secret Lives*. 1 ed. Nairobi: East African Educational Publishers, 1975.

OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. Aspectos políticos da tradução: o caso de Franz Rosenzweig. *Claritas: Revista do Departamento de Inglês da PUC-SP, São Paulo*, n. 1, p. 7-15, jan.-dez., 2003.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino americano. In: ---. *Uma literatura nos trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro. Rocco, 2000.

TANQUEIRO, H. *Autotradução: autoridade, privilégio e modelo*. Tese de Doutorado inédita. Barcelona: Universidade Autônoma de Barcelona, 2002.

TYMOCZKO, Maria. Post-colonial writing and literary translation. In: BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish. *Postcolonial translation: theory and practice*. London, Routledge, 1999. p. 19-40.

UPDIKE, John. *Extended performance*. Disponível em <http://archives.newyorker.com/?iid=15159&startpage=page0000076>. Acesso em: 8 de Abril, 2012.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires. Fragmentos de uma história de travessias: tradução e (re)criação na pós-modernidade brasileira e hispano-americana. *Revista de Estudos de Literatura*. Belo Horizonte: UFMG, v.4, p. 61-80, out. 96.

Data de envio: 30 de janeiro de 2013.

Data de aprovação: 10 de junho de 2013.

Data de publicação: 2 de setembro de 2013.